

A Professora Maria de Lourdes Levy  
JM Ramos de Almeida

Ao escrever sobre alguém que merece ser destacado/a, o mais cómodo será enveredar pela sequência cronológica, entrelaçando datas, cargos, comissões, graus e honrarias, tudo temperado com os adjectivos e advérbios apropriados aos encómios e panegíricas das hagiografias.

Habitualmente já tudo foi dito e redito. Por isso, o que ainda pode ter interesse, será um depoimento pessoal, original, objectivo dos comportamentos e atitudes e da sua origem, procurando o que está oculto. Será uma interpretação, mas será espontânea, vivida, fotográfica, retratando o profissional e a pessoa. Será uma vivência.

Para o conseguir, aqui, é necessário relatar as condições em que conheci a Professora Maria de Lourdes Levy (MLL).

Devo-a ter visto pela primeira vez em 1953, quando no Hospital de Santa Marta frequentei a cadeira de Pediatria. Porém, não me lembro, e dessa época apenas guardo memória dos professores Leonardo Castro Freire e Carlos Salazar de Sousa e do meu assistente o Dr. João Marques Pinto, pai do Luís. Guardo também a recordação do meu próprio exame, que correu de feição e tanto que fui no final abordado por alguém que não sei porquê me lembrou Hamlet, mas que nunca antes vira - o Dr. Horácio Rey Colaço Menano - a cumprimentar-me e a convidar-me para trabalhar com ele.

Mas a minha vocação era a cirurgia. Tinha lido os dois volumes do Tratado de Patologia Externa de Fogue de ponta a ponta e queria ser cirurgião, espadachim e mosqueteiro.

Respondi:

-“O quê? Papinhas! Eu quero ser cirurgião!”

O Dr. Menano tinha regressado pouco antes de Zurique, onde trabalhara com Fanconi. Previa-se que ia iniciar em Lisboa uma brilhante carreira académica e, para o efeito, procurava cercar-se de colaboradores em quem adivinhava algum mérito.

Nos dois anos seguintes fiz o internato geral dos Hospitais Civis de Lisboa.

Entretanto, a vocação cirúrgica esmorecera, voltei-me para a Medicina e quando nasceu o meu filho Miguel, fui de novo assediado pelo Dr. Horácio Menano que o seguia no seu consultório.

Oferecia fotocópias de artigos, recomendava livros e com a sua inteligência insinuante, acabou por me convencer. Entrei para o internato intermédio de Pediatria no Hospital de

Santa Maria e fui colocado no Piso 9 – tuberculose – sob a orientação do Dr. Horácio Menano.

Jubilado o Prof. Castro Freire, o serviço passou a ser dirigido pelo Prof. Carlos Salazar de Sousa, acolitado pelo Prof. Mário Cordeiro e pela Prof<sup>ª</sup>. MLL.

O ambiente era agradável, mas como em toda a sociedade humana ou animal, havia uma surda querela hierárquica de sucessão.

O Dr. Menano pelas suas raras qualidades clínicas e pedagógicas era uma personalidade incómoda. Trabalhar directamente com ele era excitante mas valia-me uma quota-parte da animosidade que lhe era dirigida, exemplificada no modo como fui tratado pelo corpo docente no concurso para o internato complementar: agressividade no contacto e parcialidade nas classificações. Seguro da minha razão, não me deixei intimidar e acabei por ser aprovado.

Tudo isto para referir que as minhas experiências *in loco* não foram especialmente gratas.

Depois, o Dr. Menano trocou a Faculdade pelo Instituto de Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian.

O Prof. Carlos Salazar de Sousa nomeou-me assistente da cadeira e ofereceu-me uma bolsa da OMS nos Estados Unidos e Canadá.

No Serviço, a tensão baixou e gradualmente o contacto passou a cordial e a francamente amistoso.

O tempo prosseguiu a sua marcha e ao progredir na carreira, a Prof<sup>ª</sup>. MLL ocupou os lugares cimeiros na cadeira de Pediatria da Faculdade de Medicina de Lisboa, no serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria, na Revista Portuguesa de Pediatria e na Sociedade Portuguesa de Pediatria, da qual foi duas vezes presidente, continuando nos intervalos a colaborar com o mesmo *élan*.

Mais tarde, no Instituto de Apoio à Criança (IAC) aplicou-se em todas as actividades sempre com entusiasmo e empenhamento.

Apesar de ser uma mulher de variados interesses artísticos e sociais, penso que a Pediatria foi a sua razão de existir.

No hospital a sua actividade era excepcional e *sui generis*: manhã fora, trotava imparável pelas enfermarias, consultas, salas de reuniões, sala de café, biblioteca, gabinete do director, etc. Salvo o devido respeito, não podia deixar de me lembrar – e sobretudo pelas qualidades – a raposa, rapozeta, pintalegreta de Mestre Aquilino Ribeiro: ladina, inteligente, sagaz, astuta, curiosa, imaginosa, alegre. Só a vi esmorecer

quando recordava o seu doutoramento e a injustiça e vexame que sofreu. Então os olhos enchiam-se de lágrimas. Nos congressos, empenhava-se a fundo não fazendo, como tantos de nós, *école buissonnière* e turismo. Lá estava em todas as sessões, atenta e alerta. Por vezes, fechava os olhos e deixava cair o queixo sobre a mão, como se tivesse adormecido. Mas, pelo contrário, fazia-o para melhor se concentrar e num quase inaudível solilóquio, extraía as palavras da boca do orador. Assim, no seu permanente borbulhar mental, melhor se concentrava. E, para quem estava sentado a seu lado, chegava a ser incómoda, tantas as ideias que lhe brotavam e não resistia a transmitir.

Desde a inesquecível reunião de lançamento do IAC, organizada no Palácio de Belém, pela Dra. Manuela Eanes, em que estiveram presentes cerca de uma centena de pessoas interessadas, teve uma participação entusiasta, quer na Gulbenkian, nas reuniões magnas, quer nas reuniões em que uma dúzia de carolas, entre as quais estava sempre a Dra. Manuela Eanes, se juntavam até tarde na noite, num desconfortável 3º andar, na Avenida de Berna.

Passaram os anos e pode dizer-se que a Profª. MLL não mudou: a sua vida gravita sempre na órbita pediátrica.

Foi casada com um médico, o Dr. António Gomes, pediatra muito experiente e personalidade curiosa: com humor, independência e filosofia, circulava tranquilamente pelo serviço, à margem das querelas carreiristas e da agitação exuberante da mulher.

Morreu precocemente.

Os dois filhos do casal, Leonor e António, seguiram os passos dos pais: ambos são pediatras diferenciados e com personalidades originais. Porém, a coroa de glória de uma carreira pediátrica, pode ser o exercício do papel de avó/ avô.

Por isso, lembro a ternura com que MLL nos relatava os episódios em que iniciava os netos nos caprichos, bizarras e extravagâncias das personagens de Lewis Carroll.

Penso que nenhum dos netos seguiu as pegadas da avó, mas isso não impede que tenham ficado indelevelmente influenciados pela sua personalidade.

Ouvi dizer que um semanário de eventos “fofoco-sociais”, organizou um concurso para a escolha do melhor pediatra português e que a seleccionada foi a Profª. MLL.

Por tudo o que disse atrás, julgo que o melhor título para a Profª. MLL seria: a matriarca da Pediatria Portuguesa.